

## 6. A promessa em São Bento

Eu dizia que, para viver a vocação humana e qualquer vocação pessoal, é necessário a esperança. Vejamos como São Bento era consciente disso.

Citei no início a passagem do *Catecismo da Igreja Católica* que diz: “A esperança é a virtude teologal pela qual desejamos o Reino dos céus e a vida eterna como nossa felicidade” (CIC n. 1817).

É importante, então, estar conscientes de que a promessa de Deus, a promessa fundamental à qual somos chamados a nos ancorar sempre de novo, é a promessa da vida eterna e da felicidade.

Essa ideia de tensão à vida eterna como felicidade suprema do homem nos remete a uma passagem do Prólogo da Regra de São Bento que não me canso de citar, porque é fundamental para entender como cada vocação cristã é semeada no campo da nossa humanidade, do nosso coração, feitos para a vida eterna e a felicidade total. São Bento, de fato, faz com que a vida monástica se inicie com um Deus mendicante que circula entre a multidão gritando um versículo do Salmo 33: “Qual é o homem que quer a vida e deseja ver dias felizes?” (Sl 33, 13; RB Prol. 14-15). Essa pergunta, essencial em cada coração, em cada cultura, em cada religião, essa pergunta é uma provocação, como um desafio, mas um desafio repleto de promessa. Esse Deus mendicante tem em si mesmo o bem que propõe, é Ele mesmo o bem que oferece, é Ele mesmo a vida e a plenitude da alegria do coração humano. O Senhor provoca a multidão, não para julgá-la, mas porque Nele há uma fonte de vida e felicidade que tem sede de fluir, de alcançar e de ir ao encontro de toda a humanidade. Nele, o abraço para acolher o homem, como os braços do pai do quadro de van Gogh, já está aberto e estendido para cada ser humano desde o instante eterno no qual Ele pensa nele e o cria com amor.

São Bento parte dessa proposta e promessa de Deus, mas também da liberdade de qualquer pessoa no meio da multidão que responda: “Eu!”.

A partir dessa resposta elementar da liberdade que reconhece desejar a vida e a felicidade, Deus dá início a um caminho, a um “caminho da vida” (RB Prol. 20). Um caminho de educação, de formação, de acompanhamento a fim de que aquele “eu” que diz “Eis-me aqui!” possa crescer naquela consciência e experiência (cf. RB Prol. 14-21).

Um coração humano que diz “Eu!”, que diz: “Eis-me aqui!”, ou seja: “Aqui estou eu! Estou dentro!”, é um coração que exprime uma esperança naquilo que Deus nos promete, chamando-nos à vida e à alegria desde o instante da nossa criação; é um coração que exprime uma esperança na promessa de vida e felicidade que o próprio Deus é para nós, chamando-nos, atraindo-nos para si, criando-nos para viver e para sermos felizes.

Se a esperança em nós, ao vivermos a vida cristã e, mais ainda, a nossa vocação particular, não começar e recomeçar sempre de novo desse diálogo fundamental, que, mais do que um diálogo de palavras, é um diálogo ontológico, um diálogo antropológico, será sempre uma esperança fictícia, uma esperança que não tem os

pés no chão, mas que saltará de uma necessidade pontual a outra, de uma necessidade passageira a outra, em vez de apoiar-se em nosso ser profundo, em nosso coração feito para estar consciente do desejo fundamental da vida, que é o desejo que anima o coração de Deus refletido pelo nosso coração.

De fato, no Prólogo da sua Regra, ao homem que responde “Eu!” a Deus que lhe promete a vida e a felicidade, Deus responde, por sua vez, com o dom de si mesmo: “antes que me invoques dir-te-ei: “Eis-me aqui” (RB Prol. 18). E a Regra acrescenta, com estupor: “Que há de mais doce para nós, caríssimos irmãos, do que esta voz do Senhor a convidar-nos? Eis que pela sua piedade nos mostra o Senhor o caminho da vida” (Prol. 19).

Esse diálogo entre Deus e o homem não é apenas aquele que ocorre no surgimento de uma vocação particular, como a vocação monástica: é um diálogo que nos constitui ontologicamente, no qual se desenvolve a vida e o caminho de cada ser humano, de cada liberdade humana. Se entrarmos em diálogo com o Deus que nos propõe a vida e a felicidade, se percebemos a sua presença e a acolhemos, enfim, se aceitamos viver em comunhão com Ele, é exatamente assim que Ele cria a nossa liberdade, cria a nossa liberdade fundamental, aquela de escolher a vida e a felicidade que Deus nos oferece e para a qual Ele nos quis, amou, criou. A liberdade é chamada a escolher aquilo para o qual foi feita, aquilo para o qual fomos feitos. Melhor: a liberdade humana é esse chamado para escolher Aquele que nos faz, Aquele sem o qual não existimos.

Portanto, é a partir desse ponto, que está na origem de nossa existência – na origem, como dizia, não apenas cronológica, mas ontológica, logo, é um ponto permanente, um ponto eterno, não apenas em Deus, mas em nosso coração –, é a partir desse ponto que o caminho da vida passa a coincidir com o caminho da esperança.

Esse caminho para nós não é linear, não é sempre ascendente. É um caminho cheio de momentos de confusão, de momentos de desorientação, de quedas e regressões. E isso vale tanto para a vida pessoal de cada um quanto para a vida de uma comunidade. É importante, então, entender como tudo isso se apresenta e como a esperança nos é dada e solicitada precisamente para que possamos progredir nesse caminho, apesar de tudo.